



*Primitivo Americano* é decentemente divertido como um drama de ação, embora seja bastante fascinante em seu conceito. A minissérie da Netflix, criada por Mark L. Smith e dirigida por Peter Berg, apresenta um conjunto talentoso interpretando arquétipos principalmente familiares durante uma luta pré-Guerra Civil pelo Ocidente americano. No entanto, isso suga qualquer coisa que se assemelhe à melancolia das suas raízes ocidentais de Hollywood, complicando as suas hipóteses de encurrular o pós-*Pedra amarela* mercado (juntamente com os muitos spin-offs deste último). O que resta é a casca de um gênero adorado, contado em tons caóticos e austeros, raramente vistos na tela.

As inúmeras subtramas do programa estão conectadas por acontecimentos terríveis, embora não muito mais. É uma saga violenta, embora sua violência estabilize rapidamente. Isto aplica-se tanto à sua brutalidade física, como às muitas ideologias cruéis na sua mira, desde a supremacia branca e o fundamentalismo religioso até uma propensão geral para a guerra. Mas o fato de eles estarem tão expostos, em um show tão assumidamente sombrio, é uma surpresa bem-vinda, em um cenário e modo de contar histórias tão impregnados de nostalgia. Apesar de seus fios se desenrolarem de maneira aleatória, a série nunca é entediante e nunca carece de um bom desempenho.

VEJA TAMBÉM:

Prévia da TV 2025: todos os programas de TV que você precisa saber e onde transmiti-los

O que você vai ler:



- [O que é Primitivo Americano sobre?](#)
- [Primitivo Americano é propulsivo, mas desigual.](#)
- [As metáforas focadas em Primitivo Americano quase trabalho.](#)

## O que é *Primitivo Americano* sobre?



Crédito: Cortesia da Netflix © 2024

A história de *Primitivo Americano* que se passa no inverno de 1857, é baseado em locações e acontecimentos reais, embora com dramatizações necessárias. Com uma recompensa pela sua cabeça por um suposto assassinato, a abastada mãe Sara Rowell (Betty Gilpin) foge da Filadélfia com seu filho pré-adolescente Devin (Preston Mota) para se encontrar com seu marido no oeste. Mas ao chegar a Fort Bridger - um verdadeiro posto avançado de comércio de peles em Wyoming, ao longo da trilha do Oregon - ela descobre que seu guia já partiu, o que a leva a procurar desesperadamente por uma passagem segura onde quer que possa encontrá-la.

O forte não está longe de conflitos voláteis entre inúmeras facções. A Tribo Shoshone é uma das várias que foram expulsas de sua terra natal pela guerra constante. Uma implacável milícia mórmon patrulha os territórios próximos a Utah, a mando do pregador expansionista e extremista Governador Brigham Young (o aterrorizante Kim Coates). Enquanto isso, o consciencioso capitão do Exército dos EUA, Edmund Dellinger (Lucas Neff), tenta manter a paz, mas está cada vez mais cínico sobre a possibilidade de coexistência (como somos frequentemente lembrados, através de suas inúmeras entradas de diário narradas em narração).

Os grupos mencionados representam apenas cerca de metade dos personagens da série, todos montados aos poucos por meio de uma exposição muito direta. Além disso, há o único



atirador de quem Sara procura ajuda, o solitário e taciturno Isaac (Taylor Kitsch), que compartilha uma história íntima com o Shoshone. Há caçadores de recompensas em seu encalço, liderados por Virgil Cutter (Jai Courtney), um líder cuja crueldade entra em conflito com seu protegido mais empático, Lucas (Andrew P. Logan).

Existem vários milicianos e líderes mórmons, e também existem civis mórmons apenas tentando encontrar o caminho ilesos. Alguns destes últimos acabam inadvertidamente atacados quando viajam com uma caravana maior, incluindo o recém-casado Abish Pratt (Saura Lightfoot-Leon) e seu marido Jacob (Dane DeHaan), cuja aparência cada vez mais sangrenta e desgredada a cada episódio é tão ridiculamente engraçada quanto Homer Simpson. atingindo pedras infinitas e galhos de árvores. E, claro, há o próprio Jim Bridger, o fundador do mencionado forte, interpretado com inteligência e elegância pelo sempre encantador Shea Whigham.

O show também apresenta uma série de personagens nativos que, embora raramente tenham permissão para deixar os limites estritos da trama - *Primitivo Americano* é antiocidental em todos os sentidos, menos neste - ainda exibe uma humanidade e um ethos impressionantes. Há a jovem Shoshone não-verbal Two Moons (Shawnee Pourier), uma fugitiva que pega carona com Sara e Devin, e também há o guerreiro Shoshone desonesto Red Feather (Derek Hinkey), que forma sua própria tribo com a intenção de trocar sangue por sangue. Se este último parece muito com um personagem central do [filme](#) de Kevin Costner *Horizon: Uma Saga Americana - Capítulo 1* a aparência dele não é o único momento em que você fará essa comparação.

Velocidade da luz mashável

Na verdade, o programa funciona como uma resposta mórbida e cínica a *Horizontea* série de [filmes](#) que Costner deixou *Pedra amarela* para fazer, e que luta com a violência inerente aos mitos fundadores da América, ao mesmo tempo que se apegua sombriamente a uma imagem folclórica do passado da nação. *Primitivo Americano* tem menos problemas para remover seus óculos rosa, chegando ao ponto de implantar rearranjos da famosa canção folclórica de Woody Guthrie "Esta terra é a sua terra" com um efeito profundamente irônico. No entanto, ele luta tanto quanto o filme de Costner quando se trata de alternar entre seus numerosos personagens.

***Primitivo Americano* é propulsivo, mas desigual.**



Crédito: Matt Kennedy/Netflix

A estrutura e o enredo do programa podem refletir o épico de faroeste de Costner, mas seus primos estéticos mais próximos são, na verdade, o violento faroeste de inverno de Alejandro González Iñárritu. *O Regresso* (que Mark L. Smith também escreveu) e, em termos de edição frenética, o *Guerra nas Estrelas* filmes de JJ Abrams. Essa segunda comparação é, em sua maior parte, complementar. *Primitivo Americano* avança com abandono imprudente, deixando pouco espaço para considerar o tempo e o espaço reais entre as pessoas espalhadas por diferentes partes da paisagem. Isso nem sempre é uma coisa boa, mas significa que cada novo desenvolvimento da trama está sempre chegando, com personagens sempre prontos para tropeçar nas histórias uns dos outros.

Por outro lado, a falta de tempo real de viagem ou qualquer tipo de tempo de inatividade para os personagens, mesmo que seja de seis horas, deixa pouco espaço para eles se desenrolarem e se desenvolverem. Gilpin e Kitsch, por exemplo, são adequadamente austeros, resultando em tensões românticas ao [estilo](#) Jane Austen, mas quem eles são como pessoas é estabelecido desde o primeiro minuto e permanece congelado em êxtase ao longo da história. O mesmo se aplica à maioria dos personagens, exceto DeHaan, que tem a vantagem de ser alterado por lesões físicas. Ninguém é realmente afetado ou impactado, de maneira humana, pelos muitos acontecimentos do programa.

Dito isso, esses acontecimentos geralmente são divertidos de assistir, desde tiroteios violentos em tomadas ininterruptas até combates corpo a corpo violentos em combate corpo a corpo. A fotografia vencedora do Oscar de Emmanuel Lubezki por *O Regresso* foi

claramente o protótipo aqui, com close-ups de lentes curtas distorcendo o espaço e aumentando o impacto de tudo, desde sangue até saliva, tudo coberto de neve. O primeiro episódio é maravilhosamente caótico, com seus cortes rápidos e ângulos holandeses tortos desequilibrando tudo enquanto os civis são engolfados pelos ataques. Infelizmente, essa abordagem visual acaba sendo um tanto indiscriminada ao longo da série, mesmo durante conversas mundanas.

A paleta desbotada do programa e a sujeira e sujeira penetrantes pintam a infância da América como uma época de disputas mesquinhas sem absolvição - uma contra-narrativa para a maior parte da mitologia do país sobre si mesmo. No entanto, o programa também constrói uma espécie de barreira narrativa para evitar que caia no desespero total: o sonho americano ainda está, de certa forma, vivo, mas está relegado às quatro paredes de Fort Bridger.

## **As metáforas focadas em *Primitivo Americano* quase trabalho.**



Crédito: Matt Kennedy/Netflix

O forte, que aparece no início da série e se torna um refúgio frequente da ação, existe muito no estilo do Velho Oeste sem lei do cinema, com seus bares, tiroteios e enforcamentos. Mas também representa um ideal americano. É o único lugar da série onde personagens de todas as esferas da vida e de todas as origens (brancas, nativas ou outras) podem se reunir,



refugiar-se do extremismo religioso e ter uma chance real de viver.

É também o centro de um clímax lindamente assustador que revela o lento desaparecimento desses ideais, o que contribui para uma conclusão perfeita para o show - ou teria, se a série tivesse escolhido terminar com esta nota simbólica. Em vez disso, ele retorna a uma de suas muitas narrativas contínuas para que a Pessoa A possa vagar pela História B e concluir a Subtrama C, a maioria da qual permanece no lugar durante vários episódios.

Enquanto *Primitivo Americano* ocasionalmente exerce suas metáforas com habilidade, é, em sua maior parte, um show banal e óbvio sobre os efeitos do passado. Por exemplo, Cutter de Courtney, ao se dirigir a Sara, quase se volta para a câmera para dizer: “Nossas circunstâncias atuais são um reflexo de nossas decisões passadas”. O problema com esse tipo de entrega - além de sua natureza estrondosa e literal - é que esse tema e todos os outros são estabelecidos no primeiro episódio e nunca se transformam dramaticamente.

*Primitivo Americano* pode ser progressista nas suas premissas, com a sua aparente desconstrução da história nacional e da auto-imagem. No entanto, a sua execução acaba com pouco a dizer, para além dos traços gerais do egoísmo das pessoas que causam dor e sofrimento. Você aprende isso desde o início, então sabe exatamente em que tipo de programa estará se metendo a partir de então, mas resta pouco a aprender. Assim, mesmo suas subversões das imagens tradicionais de Hollywood e da criação de mitos americanos parecem estranhamente familiares e confortáveis no final.

*Primitivo Americano* agora está transmitindo no Netflix.